

A construção dialógica das vivências no CEEJA de Marília (São Paulo – Brasil) como prática inclusiva em Educação para os direitos Humanos

João Paulo Francisco de Souza

Como citar: SOUZA, J. P. F. D. A construção dialógica das vivências no CEEJA de Marília (São Paulo – Brasil) como prática inclusiva em Educação para os direitos Humanos. *In* : BRABO, T. S. A. M. (org.). **Direitos humanos, educação e participação popular** : 50 anos do golpe militar. Marília: Oficina Universitária; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2014. p.123-151. DOI: <https://doi.org/10.36311/2020.978-85-7983-595-7.p123-151>



All the contents of this work, except where otherwise noted, is licensed under a Creative Commons Attribution-NonCommercial-NoDerivatives 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo o conteúdo deste trabalho, exceto quando houver ressalva, é publicado sob a licença Creative Commons Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

Todo el contenido de esta obra, excepto donde se indique lo contrario, está bajo licencia de la licencia Creative Commons Reconocimiento-No comercial-Sin derivados 4.0 (CC BY-NC-ND 4.0).

A CONSTRUÇÃO DIALÓGICA DAS VIVÊNCIAS NO CEEJA DE MARÍLIA (SÃO PAULO – BRASIL) COMO PRÁTICA INCLUSIVA EM EDUCAÇÃO PARA OS DIREITOS HUMANOS

João Paulo Francisco de Souza

“[...] ideologia não é mais um modo de opressão, mas também de libertação.” (BAKHTIN apud GEGe, 2010, p. 16)

INTRODUÇÃO

A presente reflexão surge motivada pela necessidade de trazer algumas ideias acerca da ação educativa desenvolvida em uma escola pública da Educação de Jovens e Adultos, da rede estadual de ensino, da cidade de Marília (SP), como prática pedagógica dialógica na perspectiva da educação como direito humano fundamental, em acordo com a VI Conferência Internacional de Educação de Jovens e Adultos (CONFINTEA).

Segundo Jinkings (2008, p. 14), “[...] a superação positiva da alienação é tarefa educacional que exige uma revolução cultural radical para ser colocada em prática.” Neste caso, apresentaremos a escola CEEJA Profa. Sebastian Ulian Pessine como horizonte de uma aprendizagem baseada em ações e reflexões em torno de dinâmicas de tratamento igualitário e de não discriminação, bem como uma alternativa positiva em direção a uma aprendizagem necessária e acessível a homens e mulheres que foram vetados com o direito de estudar ao longo da vida.

O CEEJA, Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos, referência estadual em educação de ensino de presença flexível e atendimento individualizado, é regido especialmente pela Resolução SE 77, de 06 de dezembro de 2011, que dispõe sobre a organização e o funcionamento dos cursos de Educação de Jovens e Adultos, nos Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos – CEEJAs. Tomando como base alguns princípios do Círculo de Bakhtin, buscaremos refletir à luz dos conceitos de dialogismo e sua relação com os direitos humanos, diante do aluno até então excluído do espaço escolar e que, no CEEJA, tem uma nova oportunidade de estudo.

Não pretendemos, neste momento, apresentar profunda e sistematicamente toda a reflexão,¹ mas só o recorte de algumas observações já realizadas na unidade escolar citada, apresentando características distintas de relações dialógicas existentes na esfera da proximidade professor-aluno e sua relação com a educação como direito público subjetivo. Vale ainda ressaltar que esta reflexão pode se tornar mais representativa uma vez que também a fazemos na condição não só de pesquisador, mas de Professor Coordenador Pedagógico desta escola, ou seja como observador participante, o que possibilita uma referência mais ampla dentro de todo o processo de interação dos sujeitos sociais em análise.

1 CENTROS DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS NO ESTADO DE SÃO PAULO

Observamos que dos 8 milhões de pessoas que frequentaram os cursos de Educação de Jovens e Adultos no Brasil, até 2006, 42,7% não chegaram a terminá-lo, segundo dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (Pnad) de 2007. Sabe-se que cerca de 4,5 milhões de brasileiros com mais de 15 anos estão matriculados na Alfabetização ou na Educação de Jovens e Adultos, segundo o Censo Escolar 2009 do MEC. O Censo Escolar 2010 divulgado pelo INEP-MEC mostra uma nova queda nas matrículas da EJA nos cursos presenciais. Portanto, em relação a 2009, a queda no país ficou em 10,3%.

De acordo com a ONG Ação Educativa (2013):

O coordenador do programa de Educação de Jovens e Adultos da Ação Educativa, Roberto Catelli, destaca que tal redução não significa uma

¹ Tal aprofundamento está sendo realizado em nossa pesquisa em nível de doutorado.

queda por demanda dessa modalidade. Segundo dados do Censo 2010, o Brasil tem uma população de 65 milhões de pessoas com 15 anos ou mais que não concluíram o Ensino Fundamental e 22 milhões com 18 anos ou mais, que apesar de terem concluído o Ensino Fundamental, não concluíram o Ensino Médio. “Os dados são fortes e recortam um cenário que é preocupante, o tipo de oferta de EJA está muito aquém das necessidades da população. Esta modalidade precisa ser uma das prioridades das agendas educacionais de estados municípios”, comenta Catelli.

Diante desses dados, nota-se uma certa fragilidade na educação de jovens e adultos, ao passo que ainda é notória a quantidade de estudantes maiores de 15 anos fora do sistema de ensino. Segundo dados do último censo escolar existem mais de 85 milhões de brasileiros sem escolaridade básica. Na contramão da falta de investimentos na modalidade de ensino de Educação de Jovens e Adultos, o CEEJA aparece como uma exceção, na medida em há um apontamento para alguns investimentos do governo – haja vista a criação de mais de dez unidades de CEEJAs muito recentemente, totalizando na atualidade trinta Centros de Educação de Jovens e Adultos neste formato, espalhados em diversas regiões do estado de São Paulo.

A Educação de Jovens e Adultos, regulamentada pelo artigo 37, da lei nº 9394 de 20 de dezembro de 1996 (Lei de Diretrizes e Bases – LDB), tem como objetivo assegurar um ensino legal, gratuito e flexível àqueles que não tiveram oportunidades de estudos no ensino fundamental e médio na idade própria.

O Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos (CEEJA), surge no estado de São Paulo em meados de 1976 com o objetivo de atender um grande contingente populacional que, por alguma razão, deixou de estudar e que já está inserido no mercado de trabalho ou com responsabilidades familiares que muitas vezes impossibilitam o retorno à escola. Daí a necessidade de estabelecer-se como um curso caracterizado pela presença flexível e atendimento individualizado, respeitando o ritmo de estudo de cada aluno matriculado. A partir de 1981 surgem novos Centros, que somam até a presente data trinta em todo o Estado de São Paulo. O CEEJA Profa. Sebastiana Ulian Pessine, instalado no município de Marília, surge no ano de 1985.

Sendo Marília uma cidade que ocupa uma posição de destaque como centro universitário, médico-hospitalar, comercial, industrial e agropecuário, o CEEJA, localizado na Avenida 24 de Dezembro, no centro da cidade, recebe alunos dos mais variados grupos sociais. Além dos diferentes bairros do município, um número significativo de estudantes da região procura a escola para dar continuidade aos estudos, compreendendo Vera Cruz, Garça, Tupã, Paraguaçu Paulista, Ocaçu, Oscar Bressane, Maracáí, Alvinlândia, Tanabi, Assis, Pompeia, Guarantã, dentre muitas outras.

Para atender esse alunado, o horário e a concentração de professores no estabelecimento escolar visam coincidir com o fluxo desses alunos, nas diferentes épocas do ano. Em 2011, a unidade escolar recebeu aproximadamente 1500 alunos matriculados entre o Ensino Fundamental e o Ensino Médio, considerando também os alunos rematriculados. Um ano depois, em 2012, esse número atinge a marca de mais de 2000 alunos matriculados, segundo dados da secretaria administrativa da Escola. Atualmente, esse número chega próximo dos 2500 alunos.

Após sua criação, regulamentada pelo Decreto 23.270 de 14 de fevereiro de 1985, o CEEJA de Marília surge com a preocupação de atender uma clientela específica, que demandava um direcionamento capaz de respeitar as individualidades e seus valores. Assim, após muitas reformulações acerca de sua estrutura e funcionamento, desde sua inauguração nos anos 80, os CEEJAs atualmente são estruturados com foco na Resolução SE 77, de 06 de dezembro de 2011, que dispõe sobre a organização e o funcionamento dos cursos de Educação de Jovens e Adultos, nos Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos e sobre o qual nos debruçaremos um pouco melhor adiante.

2 O CEEJA COMO CAMPO DE RESISTÊNCIA

Observando a dinâmica do processo de interação das vozes sociais entre os atores principais da escola e o que ocorre neste complexo de forças, o que se espera é que nesta relação os papéis de aluno e professor se confundam frente ao constante diálogo discursivo de aprendizagem, visto que locutor e ouvinte se constroem num jogo em que ambos ensinam e aprendem, ou melhor, que ambos saiam afetados e modificados nessa interação.

Assim, não podemos deixar de perceber que os alunos da educação de jovens e adultos (EJA) trazem um arcabouço de conhecimento sempre plausível de ser acessado pelo professor a fim de sempre realimentar o momento da aula, quer dizer, o todo do discurso como lugar de interação passa a prevalecer e ser maior do que as partes envolvidas. Os sujeitos estabelecem vínculos e responsabilidades dentro das situações de produção de sentido em cada acontecimento de atendimento individualizado.

Para o aluno, antes excluído, chegar ao CEEJA é uma experiência única de tentar recuperar o tempo deixado no passado e abrir espaço para o exercício educativo capaz de, pela experiência da linguagem, exteriorizar e retomar antigas experiências para a tentativa do esperado sucesso escolar. Para o professor, acessar estas exterioridades do aluno é seu objetivo como alguém, que na outra extremidade da situação discursiva, pretende oferecer um ensino de qualidade. Não é tarefa fácil. O que não podemos deixar acontecer é uma nova situação de exclusão diante do novo processo de estudo.

O CEEJA tem papel fundamental na Educação de Jovens e Adultos na região no interior paulista. Em Marília, atualmente existe apenas uma unidade e a mais próxima se encontra a 100 km de distância, dificultando o regresso do aluno da região à escola. A política de atendimento a esse alunado revela um quadro em que a exclusão permanente e apenas alguns programas, como o CEEJA, visam atender e incluir o aluno jovem e adulto que está fora da escolaridade prevista. Os ínfimos programas ainda existentes não funcionam com presença flexível fazendo com que muitos alunos trabalhadores se tornem evadidos e desistam, em muitos casos, de frequentar a escola. Seja por compromissos familiares, de trabalho, geográficos ou outros.

Segundo a Resolução SE 77 (2011), cumprida pela Secretaria Estadual da Educação; no ato da matrícula o aluno jovem e adulto precisa estar ciente da necessidade de possuir: “2- disponibilidade de tempo para realizar estudos, visando à obtenção de conhecimentos essenciais que lhe garantam alcançar resultados positivos na aprendizagem da(s) disciplina(s) que pretende cursar.” (SÃO PAULO, SE 77, 2011).

É, primeiramente, neste momento de disponibilidade de tempo para realizar o estudo que um amplo contexto social, histórico e ideológico

se dá, envolvendo os sujeitos professor e aluno, e que, pelo olhar dialógico, entendemos que a interação é maior do que a ação. Em um segundo momento, em que o aluno aguarda o retorno à escola, bem como o professor aguarda o retorno do aluno, que dá ainda um outro tipo de interação – a interna, onde o conhecimento também é acessado. Aqui, é preciso ressaltar a questão da autonomia para o estudo, a descentralização do ensino que não está focada no professor, nem no material didático, mas no encontro e na relação entre todas as partes desse processo de aprendizagem visando a aprendizagem e transformação dos envolvidos.

Assim, ao adentrar o espaço escolar do CEEJA, o aluno é recebido na sala de aula para receber o atendimento individualizado. Neste momento, ele é orientado a realizar seus estudos onde preferir, na própria escola ou mesmo fora dela, em casa, no pátio escolar ou em outro espaço. Aqui, o que está em jogo é a disponibilidade para o estudo. Como vimos, o aluno matriculado necessita comparecer à escola para ter aulas individualizadas com o objetivo de criar sentidos e significados a propósito das possibilidades de sua aprendizagem.

Neste processo constante de formação, o professor contribui com um diálogo, retomando face a face, junto ao aluno o conteúdo estudado, estimulando sua autonomia para a aprendizagem, correspondendo aos seus interesses e observando o seu ritmo de estudo. Com isso, essa alternativa alinhada com a presença flexível torna possível que o aluno não abandone a escola por razões de horário de trabalho. Vale ressaltar ainda que o CEEJA oferece os três turnos de estudo com disponibilidade de todas as disciplinas do currículo oficial do estado de São Paulo. Dessa forma, acreditamos que estas estratégias de ensino ainda colaboram para dar acesso e permanência aos jovens e adultos que perderam o tempo de estudo na idade própria.

No CEEJA, há ainda outras formas de ensino para além do atendimento individualizado. Semanalmente, são oferecidos grupos de estudo e aulas coletivas em forma de oficinas, em que os estudantes participam coletivamente de atividades de estudo que visam aprofundar determinados temas e conteúdos de ensino.

Este tempo de aprendizagem fica bem claro, como vemos na Resolução SE 77 (SÃO PAULO, 2011):

Artigo 4º - Os cursos referentes aos anos finais do Ensino Fundamental e ao Ensino Médio mantidos pelos CEEJAs terão, em cada nível de ensino, organização curricular abrangente de modo a contemplar todas as disciplinas que integram a Base Nacional Comum e mais a Língua Estrangeira Moderna da Parte Diversificada do Currículo, cujos conteúdos deverão ser desenvolvidos com metodologias e estratégias de ensino adequadas à característica do curso de presença flexível, mediante atendimento individualizado do aluno e oferta de trabalhos coletivos ou aulas em grupo.

Embora o CEEJA tenha recebido mais atenção e resolução própria mais adequada recentemente, ainda são poucos os recursos disponibilizados para esta modalidade de ensino. Atualmente, possui apenas 24 professores, afastados sem prejuízos de vencimentos, porém para atender um contingente de aproximadamente 2.500 (dois) mil e quinhentos alunos matriculados na escola. Diariamente, circulam cerca de trezentos (250) alunos, distribuídos em sete disciplinas do Ensino Fundamental e onze disciplinas do Ensino Médio. Vale ressaltar que, em razão da presença flexível, estes 250 alunos não são os mesmos a cada dia de estudo. E, a cada dia, novos alunos se matriculam na escola em busca de novas oportunidades de vida. Os encontros de formação específica para os professores desses educandos ainda são mínimos, resultando-se na maior parte do tempo em reuniões de orientações técnicas genéricas, que não abordam especificamente o tema da EJA, como modalidade fundamental segunda a Lei de Diretrizes e Bases (LDB).

Além disso, é importante ressaltar que o CEEJA ainda não possui material didático específico para os alunos. A elaboração é realizada precariamente pelos professores, pois não dispõem de recursos e tempo suficiente para isso. O que há é um material cedido pelo governo federal, porém aquém da configuração visual que nos permite a observação do alunado trabalhador jovem e adulto. Quer dizer que o CEEJA não utiliza o mesmo material encaminhado para as escolas regulares, pois isso poderia tornar a aprendizagem enviesada e sem referência de material efetivamente pedagógico, não alcançando o horizonte de expectativas de jovens e adulto/as que ali se matricularam. Segundo a Secretaria Estadual da Educação, um material próprio está em fase de final de produção para encaminhamento

aos alunos de todas as unidades dos CEEJAs. O material que promete ser distribuído em 2015, intitulado “*EJA – mundo do trabalho*”, foca apenas alunos trabalhadores.

É importante referir também que há maior presença dos estudantes no período noturno uma vez que em geral este público é composto por trabalhadores. Diversos estudantes vêm de outras cidades e utilizam transporte coletivo para tal, sendo que ao aproximar o final do mês a presença diminui, o que provavelmente está relacionado ao término dos passes de ônibus que os estudantes utilizam para ir até o local. Ainda assim, o espaço pedagógico como um todo favorece o estudo e os professores continuamente estimulam a presença dos alunos.

Pelo exposto, o contato com essa modalidade de ensino e suas características bem específicas nos fazem refletir sobre a necessidade de se estabelecer linguagem particular que deve ser conhecida por aqueles que nela estão envolvidos.

Assim, no bojo das relações entre professores e alunos jovens e adultos está a questão da responsabilidade, que entendemos permear a relação entre os sujeitos de culturas diversas, convivendo à sua maneira, atendendo aos pressupostos já colocados pelo sistema escolar. A superação das dificuldades e a aproximação aos objetivos do estudo passam pelo aprendizado em conjunto, onde a lição da convivência e da pluralidade são construídas como necessidades imanentes em busca da experiência da paz, da ética e do conhecimento.

Como ressalta Bakhtin (1988 apud GERALDI, 2010a, p. 21), “A contraposição entre o eu e o outro, aqui referenciada entre professor e aluno, somente pode ser experimentada através da palavra, espaço habitado por ambos e espaço em que se constitui a consciência de cada um [...]”

A linguagem aqui observada da escola pública estadual CEEJA Profª. Sebastiana Ulian Pessine, tomando como base os interlocutores aluno e professor e analisada como documento sociológico, é colocada como espelho que reflete o universo escolar no contexto atual, porém refratando-o conforme o movimento dialógico.

Bakhtin (1999, p. 113) afirma que:

Na realidade, toda palavra comporta duas faces. Ela é determinada tanto pelo fato de que procede de alguém como pelo de se dirigir para alguém. Ela constitui justamente o produto da interação do locutor e do ouvinte. Toda palavra serve de expressão a um em relação ao outro. Através da palavra, defino-me em relação ao outro, isto é, em última análise, em relação à coletividade. A palavra é uma espécie de ponte lançada entre mim e os outros. Se ela se apoia sobre mim numa extremidade, na outra apoia-se sobre o meu interlocutor. A palavra é o território comum do locutor e do interlocutor.

Assim, as relações dialógicas, como relações construídas com a linguagem, são marcadas pelas singularidades e regularidades, semelhanças e diferenças observadas com o foco colocado nas relações que os atores mantêm em contexto educativo: estas relações, nas suas mais diversas formas, são marcadas de tensões que buscam a construção de sentidos de vida. É isso que favorece o estudo no CEEJA, principalmente, em um espaço construído em que a característica principal é a aula individualizada, de um lado – com o diálogo intenso entre os interlocutores do processo, e oficinas coletivas com aulas práticas, de outro – respeitando o ritmo e dando significado ao conteúdo desenvolvido pelo grupo.

3 A REINSERÇÃO DE ALUNOS EXCLUÍDOS E O DIREITO A APRENDER COM ATENDIMENTO INDIVIDUALIZADO E PRESENÇA FLEXÍVEL

Assim, o CEEJA apresenta um contexto bem diferente do usualmente encontrado nas escolas regulares, principalmente em relação ao modo de atendimento aos alunos matriculados, como já vimos no Artigo 4, SE 77 (SÃO PAULO, 2011). Portanto, não se tratam de aulas expositivas e sim de atendimentos individuais nos quais o comparecimento dos estudantes é de caráter voluntário, exceto quando há a oferta de trabalhos coletivos, como oficinas e grupos de estudo – quando os alunos estão reunidos em grupo para um estudo específico de alguma disciplina ou várias outras, ou seja, quando o trabalho é interdisciplinar.

A construção do discurso dessa orientação se dá frente ao controle da presença e notas das disciplinas em que os alunos são matriculados. O controle é feito por meio de “passaportes”, uma ficha que o aluno

deve conduzir enquanto estiver na escola e no qual anotam-se todas as observações referentes ao seu desenvolvimento escolar. Os estudantes escolhem quais e quantas disciplinas desejam cursar e realizam a matrícula em qualquer dia do ano comparecendo na respectiva sala de aula com seu o referido passaporte.

A presença flexível é caracterizada tendo em vista que os atendimentos individuais são realizados por ordem de chegada dos estudantes e ocorrem nos três períodos do dia. De segunda a quinta-feira das 8h30min às 11h e das 14h às 22h, e às sextas-feiras das 14h às 21h15min. Além da flexibilidade de horário, que permite que estudantes que trabalham se matriculem, o CEEJA ainda oferece refeições (café da manhã, almoço, lanche da tarde e jantar), o que contribui para a alimentação do aluno, muitas vezes trabalhador, que diariamente enfrenta um turno de 8 horas de trabalho e se encaminha para a escola sem mesmo retornar à sua moradia.

Chegando à escola, os estudantes recebem o material correspondente à disciplina em que se matricularam, que em geral é o material adaptado do Programa do Plano Nacional de Escola do Livro Didático (PNLD), do governo federal, e lhes são dadas instruções específicas de cada disciplina de acordo com as decisões do professor da mesma. A seleção e ordem dos capítulos de cada livro que será utilizado é decidida com base no Plano de Ensino, acordado, em reuniões de planejamento escolar, entre professor e equipe gestora, visando atender o currículo oficial do Estado de São Paulo. Um problema surge quando o aluno e professor se depara com o material citado. Primeiramente, a inadequação com o currículo oficial adotado pela Secretaria Estadual da Educação implica um tempo de adaptação, o que geralmente, causa transtornos.

É neste momento em que o agir do sujeito-professor se faz ato e articula toda a verdadeira revolução da filosofia da linguagem e do processo de ensino e aprendizagem. Aqui, todas as alteridades se encontram e de modo individualizado o aprendizado é proposto. Segundo Beth Brait (1997, p. 98), “[...] o dialogismo diz respeito às relações que se estabelecem entre o eu e o outro nos processos discursivos instaurados historicamente pelos sujeitos que, por sua vez, instauram-se e são instaurados por esses discursos [...]” Um discurso trabalhado dialogicamente numa sala de aula deve pautar-se pelas interações entre sujeitos. Se encararmos o *a-lumno*

como um mero *ser sem luz*, vazio a ser preenchido, perdemos a possibilidade da interação. Portanto, aqui o professor transforma quaisquer dificuldades advindas do material, muitas vezes inadequado, em possibilidades.

No desenrolar da atividade de *atendimento individualizado* ou *orientação* - como é chamado pelos professores, há todo um universo de possibilidades que se organiza através da linguagem. Ora o professor é o enunciador, ora é receptor, mediado pela atividade da enunciação. Este esquema se inverte constantemente, sendo que o aluno também se torna enunciador ou receptor, dependendo da situação de estudo que se estabelece.

Ambos, professor e aluno, são chamados para serem sujeitos desse processo em que o contexto de estudo se articula. Assim, no horizonte desta ação de estudo, ambos mantêm presente em seus horizontes de enunciação o receptor. O professor precisa constantemente, por meio da linguagem, ativar todo o universo de sua experiência como docente para obter um retorno de qualidade em relação ao que está sendo enunciado/ensinado.

Sendo a situação de orientação um evento único em que os dois agentes da enunciação se encontram, a linguagem a todo momento precisa e é ajustada. E, ainda, no momento em que uma nova comunicação se estabelece com outro aluno, o professor é novamente convidado a reconstruir a linguagem, conforme o contexto e perfil desse outro aluno. Assim, há sempre um receptor interno ao texto. Vale ressaltar a variedade de situações e contextos de atendimento, visto que os alunos da Educação de Jovens e Adultos pertencem a contextos sociais, culturais, econômicos, etários, profissionais muito específicos.

Porém, a principal marca de sinalização que aqui se pode adiantar é a que se relaciona com a análise das categorias de interpretação idade e grupo social de pertença. No CEEJA, o aluno pode se matricular a partir dos 18 anos de idade. Observando-se o cadastro dos alunos, nota-se uma enorme variedade etária. Muitos alunos que recentemente abandonaram o ensino regular retomam o estudo ainda jovens. Outros, já inseridos no mercado de trabalho ou buscando começar ou retomar o trabalho também retornam à escola por exigências do trabalho ou necessidade financeira. Outros, também em grande número, retornam à escola para cumprir uma satisfação pessoal ou mesmo sanar uma solidão própria da idade mais avan-

çada, como observamos em depoimentos de alunos da escola. Em relação aos grupos sociais, como é conhecido, há um grande número de alunos da baixa classe econômica, geralmente mulheres, negros e pardos; o que será alvo de estudo em investigação posterior.

O aluno, no momento do atendimento individualizado, é submetido a um ambiente sócio-histórico que se constrói na condição de formação da identidade subjetiva. Segundo Bakhtin, o eu só se torna *eu* entre outros *eus*. Assim, professor e aluno se constroem mutuamente e dialogicamente. Ao entendermos que os seres são inacabados em sua identidade, a linguagem passa a ter papel fundamental nessa construção. Ressonâncias filosóficas, discursivas e muitas outras perpassam o contexto complexo em que se dá o diálogo de orientação didática.

O desafio de construir um trabalho pedagógico que possa atender às expectativas e condições do aluno, principalmente do trabalhador, vem ao encontro da oportunidade que o CEEJA promove em relação à presença flexível. Não são poucos os jovens e adultos que encontram problemas para administrar seu tempo entre a escola-família-trabalho. Entre as marcas que o denotam, veja-se que um grande número de alunos frequenta a escola com o uniforme do trabalho, sem tempo para mudanças visuais. De dizer, também, que o fato da presença não ser obrigatória, também diariamente, colmata sobretudo a falta de recursos financeiros para a condução até a escola, principalmente no início do mês letivo, uma vez que muitos desses alunos ao se aproximar o final do mês já não dispõem mais de vale-transporte.

4 AS ATIVIDADES PEDAGÓGICAS ACERCA DOS DIREITOS HUMANOS

Neste contexto, o trabalho desenvolvido no CEEJA de Marília envolve a questão dos direitos humanos não somente nas relações dialógicas com os alunos, como também em atividades estruturadas, que tratam essa temática de forma mais específica, tais como a que destacaremos a seguir.

Em 8 de março de 2013 foi realizada uma oficina interdisciplinar intitulada *Joelhoço e o Dia Internacional da Mulher*. A atividade teve como objetivo apresentar e debater estudos e atividades culturais sobre a problemática das relações sociais de gênero tendo como público-alvo estudantes

do CEEJA e comunidade escolar. Numa sexta-feira, pela manhã, a escola recebeu em sua unidade a Doutora Maria Custódia Rocha, Docente do Departamento de Ciências Sociais da Educação, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga-Portugal (ver Anexo A) que a partir da sua vivência e experiência no CEEJA deixou um depoimento importante contextualizando histórico e culturalmente esta escola. Outro destaque foi a presença da Professora Doutora Tânia Brabo, da Universidade Estadual Paulista, Unesp, Câmpus de Marília, que também acompanhou o CEEJA em diversas atividades visando uma aproximação entre o saber acadêmico e a prática de ensino do CEEJA. Naquela manhã participaram das discussões sobre as opções pedagógicas do grupo de docência. Tratavam-se de opções pedagógicas coletivas. No período da tarde, a partir das 14 horas, houve um sarau cultural onde alunos e professores recitaram poemas e ilustrações de autoria própria, valorizando o poder de construção e criatividade da unidade escolar, tematizando a igualdade de gêneros na vida social.

Outro destaque do sarau foi a realização do joelhoço, em que os alunos envolvidos pediram perdão, de joelhos, a todas as mulheres que ao longo da história de nossa civilização vêm sofrendo discriminação, preconceito e ataques sociais, culturais, sexuais, financeiros, entre outros. À noite, os alunos apresentaram, no auditório da Unesp/Marília, uma série de poemas voltados à temática das mulheres. Acompanhados dos professores da escola, a comunidade unespiana saudou os participantes do CEEJA com muitas palmas e elogios. Os alunos jovens e adultos puderam sentir a força das palavras e a valorização do estudo e compromisso com a educação para a igualdade de gênero.

Em 13 de março de 2013, na oficina *Cine-CEEJA: O Papel da Mulher na Sociedade Atual* os alunos, matriculados na disciplina de língua inglesa, assistiram ao filme “Nunca mais” (*Enough*) protagonizado por Jennifer Lopez que também interpreta o tema musical “*Alive*”. A atividade fez parte da comemoração do mês da mulher e teve como objetivo levar os alunos a refletirem sobre a situação das mulheres que sofrem violência doméstica e ao mesmo tempo ampliar o conhecimento de palavras e expressões da língua inglesa.

Em 21 de março de 2013, na oficina *Ética e Relação entre os Sexos*, os professores das disciplinas de Filosofia e Sociologia propuseram, junto

aos alunos, uma reflexão coletiva com vista a vincular questões de nosso cotidiano com uma visão sociológica e filosófica. Para isto, aproveitaram o mês em que se comemora o Dia Internacional da Mulher, para analisar e discutir as construções das desigualdades entre os gêneros, a situação da mulher ao longo da história, suas conquistas legais na atualidade e a importância da educação na construção da ética nas relações entre os sexos. Um dos destaques da atividade foi a exibição e debate sobre o curta *Acorda Raimundo*, dirigido por Alfredo Alves e produzido em 1990.

Em 25 e 27 de março de 2013, na oficina *Direito à Vida e a Questão do Aborto*, os professores de Biologia, História e Ciências coordenaram atividade que visava permitir que os participantes adquirissem noções básicas de Biologia para entender a formação dos gametas sexuais, fecundação e a formação do ser humano desde ovo até recém-nascido. Além disso, o debate teve como objetivo promover atitudes comportamentais para a valorização da vida sexual saudável, que envolve respeito ao seu próprio corpo assim como uma nova vida que possa surgir, para que a expressão de sua sexualidade seja feita de forma responsável. Buscou-se também a importância de compreender a sexualidade como uma característica integrante e natural de todo ser humano e que a saúde física e emocional sexual é um fator importante para a manutenção da saúde pessoal e coletiva.

Em 26 de março de 2013, na Oficina *A Mulher no Mercado de Trabalho* (Matemática e Artes), foi proposta análise de dados estatísticos do último censo do IBGE que se referem à posição da mulher no mercado de trabalho hoje, bem como seu percurso pelo tempo, números indicadores de suas conquistas e seu papel na sociedade. O CEEJA de Marília, como escola pública estadual, preocupada com a formação integral de seus alunos propôs desenvolver atividades curriculares que enfatizassem o papel do ser humano na sociedade onde vive. Durante o ano, além das habilidades recomendadas no currículo oficial, foram desenvolvidas ações voltadas para a inserção do aluno no mercado de trabalho, visto que o alunado é, em sua grande parte, formada por aqueles que não tiveram acesso à escola na idade própria. Assim, no mês de março, em virtude do dia internacional da mulher e percebendo a necessidade de valorização e da reflexão sobre a temática dos gêneros, a escola em seu papel formativo trabalhou em Matemática e Artes com o tema “A mulher no Mercado de Trabalho”.

Além do debate, foram trabalhados dados em gráficos, análise de imagens e tabelas sobre o assunto. Para o debate, participaram também as Profa. Dra. Maria Custódia Rocha, da Universidade do Minho, Portugal e a Profa. Dra. Tânia Brabo, da Unesp de Marília. Ao final da atividade, também houve intervenção cultural com poesias produzidas pelos alunos.

Em 2 de abril de 2013, na Oficina Inglês com Música (Inglês), depois de já exibido o filme “Nunca Mais”, houve estudo da canção “*Alive*”, de Jennifer Lopez. Em meio ao estudo da linguagem, debate regrado sobre violência doméstica direcionou o trabalho da disciplina de Língua Inglesa do CEEJA. A oficina *Inglês com Música* teve por objetivo incentivar o aprendizado da língua inglesa por meio da letra de música que serviu de trilha sonora para o filme *Enough* (*Nunca Mais*, 2002), já apresentado anteriormente. Apoiado no Projeto Dia Delas, desenvolvido no CEEJA, a oficina buscou, principalmente, também trabalhar as relações sociais de gênero e os Direitos Humanos, por meio da letra da canção analisada.

Em 11 de abril de 2013, houve exposição de trabalho na UNESP de Marília. A escola apresentou relato de experiências de projeto desenvolvido no CEEJA. A exposição contemplou exposição oral de estudos realizados na escola sobre a temática da mulher e as relações sociais de gênero. Cada área do conhecimento abordou um aspecto do processo de desenvolvimento de ideias e práticas que contemplam a mulher no bojo das atuais concepções sobre os Direitos Humanos.

No dia 19 de setembro de 2013 os alunos do CEEJA participam da Jornada Coletiva da Humanização. Houve interação com atividades educativas externas à escola visando agregar valor pedagógico e ressaltando seu papel social e formativo, além de oportunizar novas vivências aos alunos jovens e adultos. Neste dia, os alunos puderam participar da Palestra “Uma Reflexão sobre o Agir em Sociedade”, com Luis Eduardo Diaz – Ativista, arquiteto e empresário, no Auditório Octávio Lignelli (Piso Superior da Biblioteca Municipal). A atividade esteve sob a coordenação dos professores de Filosofia e Sociologia do CEEJA. Com o objetivo de oportunizar uma reflexão sobre questões que tomam conta do cotidiano de nossas vidas e do nosso Brasil, assim como, a construção de repertório crítico para os estudantes de Ensino Médio, Vestibulandos, Universitários e toda a comunidade mariliense, a Escola de Redação Tito Bassan – Estudos & Cia,

promoveu a 'Jornada Coletiva de Humanização'. Evento inédito na cidade de Marília, a Jornada de Humanização promoveu uma diversidade de atividades com mesas-redondas, palestras, oficinas e saraus sobre estudos da saúde, ética, ciências e artes que contribuiu para o maior conhecimento do mundo que nos rodeia.

Assim, as ações educativas empreendidas no CEEJA facilitam a formação de alunos autônomos, críticos, capazes de tomar decisões, resolver problemas e atuar em sociedade para melhorá-la. O estabelecimento de valiosas parcerias torna possível o enriquecimento de todas as ações desenvolvidas no projeto. Após observarmos a revitalização completa da Sala de Leitura do CEEJA, é possível, observar a vivência de diversificadas experiências culturais e sociais ali como espaço de convivência e aprendizagem, bem como a importante possibilidade dos alunos jovens e adultos conhecerem ambientes diferenciados e enriquecedores, tais como campus da UNESP/Marília, Oficina Tarsila do Amaral/POIESIS de Marília e o Auditório Municipal Octávio Lignelli.

Outro fato relevante a ser relatado diz respeito a aluna M. que sofria violência doméstica e por meio do contato com algumas oficinas desenvolvidas sobre o papel da mulher na sociedade contemporânea, conseguiu superar alguns entraves psíquicos, emocionais e de comunicação. A estudante, com a orientação dos professores e alguns membros da comunidade, tomou a atitude de denunciar o marido às autoridades através de texto de depoimento pessoal, onde relatou detalhes sobre sua situação de agredida e discriminada. O fato foi conhecido por sociólogo da Universidade Estadual Paulista, que também ofereceu apoio social diante do caso. A aluna D. mostra seu orgulho da escola, o que não acontecia anteriormente, pois tinha vergonha de dizer não ter concluído o Ensino Médio e de estudar em EJA.

Para encerramento as atividades do ano de 2013, o CEEJA recebeu o projeto chamado Sarau do Saci, que desde 2008 celebra a pluralidade e a valorização da cultura de Marília e região. Em 2013, em sua 6ª edição, por meio de um evento ímpar, reuniu-se uma diversidade artística muito grande de pessoas ligadas à cultura popular e tradicional e, até mesmo, urbana. O evento foi realizado em dois dias, 30 e 31 de outubro, das 19h às 22h, na Praça da Bandeira de Marília, em dois espaços de apresen-

tação - defronte ao Museu Paleontológico de Marília, bem como no palco do Auditório Octávio Lignelli. Houve arrecadação de mais de 200 litros de leite, que foram doados à Associação Amor de Mãe, de Marília.

Verificou-se, por parte de todos os envolvidos, satisfação e entusiasmo, durante a realização das atividades, diminuindo a evasão escolar, uma vez que os alunos passaram ser mais frequentes à escola, ainda que de presença flexível. A interação com a comunidade, ao reconhecer os propósitos da escola, passou a procurá-la constantemente para matrícula, como um sistema de ensino virtuoso e motivador. Além disso, alunos afastados retornam à escola em número significativo.

Observamos que alunos e comunidade colocam em prática o que aprendem a respeito da ética, valores humanos e justiça social, transmitindo essas virtudes para seus familiares, vizinhos e ambiente profissional. O cenário motivador da escola nos permitiu observar que alunos passaram a frequentar a sala de leitura com maior frequência, encantados com seus títulos e com a diversidade do acervo. Educadores, trabalhando em equipe, melhoraram a qualidade do ensino no tocante ao planejamento de aulas, oficinas, palestras e atividades mais atrativas e significativas aos alunos.

Constatou-se, enfim, que com a possibilidade e vivência do projeto, educandos e comunidade passaram a ter uma alternativa bem articulada que contemplasse a Educação de Jovens e Adultos como direito de todos ao longo da vida, considerando a continuidade de estudos e a oferta de uma formação mais completa.

5 PALAVRAS E CONTRAPALAVRAS EM VIVÊNCIAS DO CEEJA

Após apresentarmos o contexto em que se dão as relações dialógicas estabelecidas no espaço social do Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos de Marília, consideramos igualmente necessário dar visibilidade ao discurso dos envolvidos, trazendo algumas reflexões que possam contribuir para que enxerguemos a escola como um palco privilegiado para o desenvolvimento da Educação em Direitos Humanos através da dialogia e do ensino-aprendizagem para a vida.

Vale ressaltar que o Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos tem como foco principal o atendimento de um grande contingente da comunidade escolar e local através de meios que permitem a inclusão daqueles que perderam a idade da escola e/ou que queiram frequentar ou continuar a frequentar a escola. O CEEJA, nesta sequência, visa o alcance de seus objetivos com ações concebidas com a finalidade de transformar suas vivências sociais, inclusive as suas vivências políticas de atuação direta na comunidade.

Daí a necessidade de estabelecer seus programas de estudo pautado também em discussões realizadas em Aula de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC) de modo que todas as atividades correspondessem ao perfil de atendimento da escola, caracterizado pela presença flexível e atendimento individualizado, respeitando o ritmo de estudo de cada aluno, privilegiando a construção de valores da igualdade, ética e cidadania na escola e na sociedade por meio de oficinas, palestras, saraus, eventos culturais e outras atividades educativas.

A escola se desenvolve por meio de redes de aprendizagem em torno de diferentes assuntos relacionados às áreas do conhecimento, com enfoque especial nos Direitos Humanos e Educação. A partir de discussões desenvolvidas nas Aulas de Trabalho Pedagógico Coletivo (ATPC), levanta-se as características da comunidade escolar, tais como a diversidade, a carência social e cultural, a necessidade de inclusão na sociedade e no trabalho e de conscientizar sobre a contribuição da educação no sentido de promover a justiça social e a humanização.

Nessas reuniões são realizados estudos acerca do contato com a modalidade de ensino de pessoas jovens e adultas e suas características bem específicas, permitindo-nos refletir sobre como desenvolver capacidades de construção de sociedades e uma escola inclusiva aberta às diferenças e à igualdade de oportunidades para todas as pessoas, contribuindo para um aprendizado mais significativo, em que os educandos pudessem vivenciar situações-problema que propiciem uma vida social mais humanista.

De acordo com Rosenilda da Costa (2009, p. 91), pesquisadora da Universidade Católica de Goiás,

[...] nas últimas décadas, um fato social adquiriu visibilidade nos espaços da EJA, em especial nas escolas noturnas: a presença de pessoas cada vez mais jovens, em grande parte em virtude de problemas de não permanência e insucesso no chamado ensino regular. Desse conjunto os fatores de gênero (algumas questões peculiares à condição feminina) e de raça (mulheres negras que ainda têm pouco acesso à escolarização) atingem as relações cotidianas das jovens negras, tornando-as um dos principais alvos da discriminação e do preconceito social.

No bojo dessa discussão ainda temos a forte presença da questão do preconceito contra homossexuais, haja vista um grande contingente desses alunos que deixam o ensino regular vítimas da homofobia presente na escola.

Assim, a implementação de escolas como esta dialoga e questiona os alunos, com o fito de constatar suas necessidades cotidianas, assim como está em consonância com as demandas da comunidade e seus reais anseios, possibilitando grande contribuição pedagógica e social. Observamos isso em um dos textos produzidos por uma aluna acerca da escola:

Eu era uma pessoa muito parada em casa e resolvi mudar, comecei a estudar. No começo, observava os professores indo pra cá, fui olhando, espiando e num dia, fui convidada a participar de uma Oficina de Leitura. Entrei na sala, escutei, olhei para um lado e para o outro e gostei. Meu Deus! eu não sabia que havia pessoas com desejo de ajudar a pensar de outras maneiras. Como está o estudo de nosso País! Os professores daqui são muito preocupados com a educação da nossa comunidade. Eu fui a uma palestra da professora Carla, ela falava sobre o diário de uma favelada. Ouvi com muita atenção, fiquei radiante, pois a história falava comigo, parecia minha própria vida. Procurei o livro em vários sebos e não o encontrei, fui à livraria e encomendei-o. Vou ter o livro. Nunca pensei que um dia eu iria ler um livro. Nunca conheci uma escola como esta. Estou muito feliz! Agradeço sempre que posso aos professores, principalmente o Sr. Professor J.! (G.R. – aluna do CEEJA).

No decurso da interação entre professor-aluno, portanto, observamos que é emergente a construção de uma prática que possa ser contextualizada, dialógica e interdisciplinar ao corpo discente, que, por sua diversidade, encontra-se, em boa parte, carente de determinados conhecimentos e valores éticos, em relação ao meio do qual fazem parte.

Com base em estudos de Paulo Freire (2005, p. 40), que em muitas obras destaca que “[...] o processo de educação não se completa na etapa de desvelamento da realidade, mas só com a prática da transformação dessa realidade [...]”, vimos por bem que, mais do que reproduzir conteúdos, o que se pretende é propiciar o desenvolvimento de uma consciência reflexiva e comprometida com um novo paradigma social e educacional para a vida de todos os envolvidos na escola.

Com base na ideia central da construção da cidadania, a articulação progressiva entre *conhecer – agir – transformar* nos leva a crer que, antes de mais nada, é imprescindível o conhecimento daquele que pretende fazer (agir) para provocar a mudança no agente. Em outro fragmento retirado do texto de uma professora da escola que observou o sentido da escola, pode ler-se:

A ideia de que um bom ensino não deve se limitar a hora e lugar é muito antiga. O projeto faz sentido por atender a população de jovens e adultos da região, de diversas faixas etárias e experiências de vida, que estão fora da escola há um tempo por falta de oportunidade ou pelo abandono dos estudos por um motivo ou outro. A presença flexível permite às disciplinas reunirem-se e atenderem às necessidades dos discentes, sendo elaborado projetos, onde os professores, além de levarem suporte pedagógico e conhecimentos, aprendem novas técnicas e aprimoram seu aprendizado, privilegiando a comunicação por meio das diversas linguagens. É evidente a contribuição possibilitada por meio desse projeto. É uma demanda real. (C.M. – Professora do CEEJA).

Portanto, tem-se claro para os docentes que se deve ver os educandos como cidadãos ativos, tanto nos processos de obtenção e questionamento do conhecimento, como na conscientização de que são parte de um todo, e, como parte desse todo, podem participar ativamente na conquista de uma comunidade melhor, mais justa e mais ética. Para tanto, saber conviver e dialogar torna-se imprescindível.

Segundo Stela Piconez (2013, p. 44),

Os jovens e adultos demonstram grande desejo de aprender e também a necessidade de romper barreiras relacionadas a preconceitos, reduzida autoestima e identidade. Assim, o projeto desenvolvido diante da diversidade de estudantes inseridos numa sociedade capitalista, procura

garantir a flexibilidade e atitudes positivas, promovendo um clima de acolhimento, o que representa um grande desafio a ser enfrentado.

Em outros discursos, as vozes dos alunos aparecem marcadas pelo envolvimento em torno da importância da escola para construção da sua cidadania:

Pra mim, estar participando da Oficina de Literatura é ótimo, pois eu aprendi, além das letras, muito também sobre as plantas, as árvores e suas sementes, qualidade e benefício delas e por outro lado pode nos causar caos com a queda de seus galhos da raiz que pode destruir alguns lugares da casa onde ela ache umidade, sua raiz causa destruição. Também vários projetos interdisciplinares dentro das oficinas com artes, filmes, debates e discussão do filme de leitura. A visão que tive, não foi só de ver um filme em si, na história, mas na natureza desde um simples detalhe da brisa em ramos da árvore como no sentimento de um sorriso sofrido. E os detalhes que não vemos ou passa despercebido, no discurso podemos observar que a história fica mais completa. Gostei muito de saber da literatura de Carolina de Jesus, mulher guerreira. Tudo isso, foi curioso pra mim, gostei tanto e aprendi que atrás da história tem outros detalhes que eu nem sabia. E neste projeto eu pude ter a oportunidade de frequentar as oficinas que não existe em outros lugares. As pessoas que frequentam aqui são muito boas e dão muita força para nós que voltamos a estudar depois de muitos anos. (N.F. – aluna do CEEJA).

Aqui, vimos que desenvolver uma cultura de direitos humanos em todos os espaços sociais, em especial na escola e na comunidade local, por meio do trabalho com diferentes gêneros discursivos, principalmente literários pode orientar para a educação em direitos humanos, assegurando o seu caráter transversal e a relação dialógica entre os diversos atores sociais;

Ações como a atividade “Sarau do Saci”, realizada no CEEJA, que busca resgatar e divulgar o patrimônio cultural da cidade e região, além de oportunizar o contato com diferentes manifestações artísticas, proporciona condições de desenvolver o senso crítico e a formação cidadã de público jovem e adulto. Ainda é referência para ampliar, localizar e contextualizar práticas culturais na escola e na comunidade local por meio de oficinas, rodas de leitura, palestras, contação de histórias, visitas, exposições, filmes e grupo de estudo.

Dessa forma, o CEEJA nasce de uma demanda real, em que há a constatação da imprescindibilidade da abordagem de construção do saber ao corpo discente, para que, ao longo do tempo, os participantes pudessem sentir-se mais humanizados, interessados no desenvolvimento das diversas realidades nas quais se inserem.

Com isso, podemos dizer que a educação dessa escola cumpre seu papel de democratizar as condições de acesso, permanência e conclusão de todos na educação de jovens e adultos, e fomentar a consciência social crítica. Concentrar esforços na formação de cidadãos, com atenção especial às pessoas e segmentos sociais historicamente excluídos e discriminados, como são os alunos da EJA.

E, portanto, diante de uma realidade complexa encontrada nas escolas regulares do Brasil, o projeto do CEEJA, com foco na educação em direitos humanos, desenvolveu-se pautado em três dimensões principais: a) compreender os direitos humanos e os mecanismos existentes para a sua proteção, assim como incentivar o exercício de habilidades na vida cotidiana; b) desenvolver valores e fortalecer atitudes e comportamentos que respeitem os direitos humanos; c) desencadear atividades para a promoção, defesa e reparação das violações aos direitos humanos. Isso pode ser verificado em depoimento de Gilsenir Maria Prevelato de Almeida Dátilo, Profa. Assistente Dra. do Departamento de Psicologia da Educação UNESP/Marília e Coordenadora da Universidade Aberta da Terceira Idade da UNESP:

Eu acredito que seja de fundamental importância o projeto CEEJA para a sociedade e principalmente para aquelas pessoas que envelheceram e não tiveram oportunidade quando jovens de cursar o ensino fundamental e médio. O CEEJA proporciona em muitos casos que pessoas sejam “incluídas” na população letrada, podendo desta forma exercer sua cidadania. Lembramos que o número de idosos no Brasil e no mundo está aumentando vertiginosamente e muitos daqueles que eram analfabetos tiveram a partir de iniciativas como o CEEJA a oportunidade além de aprenderem a ler e escrever, de se tornarem mais críticos e reflexivos, lembrando Paulo Freire, “A leitura do mundo precede a leitura da palavra (Gilsenir Maria Prevelato de Almeida Dátilo, Profa. Assistente Dra. do Departamento de Psicologia da Educação UNESP Marília Coordenadora da Universidade Aberta da Terceira Idade da UNESP - Campus de Marília SP).

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o desenvolvimento de ações educativas como as apresentadas o CEEJA pode ser considerado um espaço privilegiado para a construção e consolidação da cultura de direitos humanos, justamente por seus objetivos e práticas serem coerentes com os valores e princípios da educação em direitos humanos. O desenvolvimento de atividades de práticas de leitura e produções textuais em todas as disciplinas ultrapassaram os limites da escola, trazendo à tona seu caráter coletivo, democrático e participativo, em espaços marcados pela responsabilidade.

Vimos que o acesso ao ensino para a cidadania e oportunidade da convivência com a diversidade cultural e ambiental foram incorporadas ao currículo escolar no contexto da interação social, cultural e ambiental alicerçada em várias áreas do conhecimento, de modo que o projeto político-pedagógico da escola, os materiais didático-pedagógicos, o modelo de gestão e as avaliações vão ao encontro da educação em direitos humanos.

Por fim, desenvolver a consciência do mundo vivido, propiciando aos sujeitos a autonomia na aprendizagem e a contínua transformação, inclusive nas relações pessoais e sociais tornam-se como instrumentos valiosos para se alcançar fins solidários, conciliando direitos individuais com responsabilidades interpessoais e coletivas, numa educação pautada em sólidos valores altruístas, no intuito de construir a igualdade.

Isso também pode ser observado pelo acesso a exposições culturais diversas em diferentes situações comunicativas, onde houve o desenvolvimento da sensibilidade, valorizando a cidadania da comunidade escolar através, inclusive, da realização de um sarau na escola, onde se reuniu em um só evento todos os resultados alcançados.

Dessa forma, o respeito ao ritmo de estudo desse aluno, preconizado na Resolução SE 77 (SÃO PAULO, 2011), permite o desenvolvimento da autonomia de estudos e ao mesmo tempo uma relação dialógica rica entre professor e aluno. Acreditamos que a possibilidade de interação diferenciada entre os sujeitos do aprender constitui importante fator de sucesso na aprendizagem do aluno trabalhador.

O professor - como agente de transformação e inclusão social, e o aluno - aquele que busca não apenas a certificação, mas o reconheci-

mento como sujeito do conhecimento e da aprendizagem, são atores de um contexto de experiência pessoal imediato, que ao invés de dificultar a relação discursiva, como temos visto no ensino regular tradicional, facilita as estratégias de ensino e contribui para superar o controle da atividade discursiva de aprendizagem.

O confronto de culturas e singularidades se dá em nível discursivo, que como aqui observamos, exige do professor o domínio do discurso diante da constante alteridade encontrada nos diferentes agentes da aprendizagem na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Neste universo de interações dialógicas as diferentes realizações discursivas, em especial a orientação ou atendimento individualizado, encontra representação única a cada ideia discutida e posicionamento do aluno diante da aprendizagem e sua verificação imediata.

Também observamos, por intermédio da pesquisa-ação, que a forma de comunicação interativa do CEEJA favorece o avanço da aprendizagem e encontra resposta nos questionamentos e necessidades do aluno trabalhador. A cada orientação, o professor se reporta às suas experiências e conhecimento de causa para reverter o quadro de pluralidade de culturas instauradas no universo escolar.

O aluno do CEEJA, por sua vez, no bojo dos diálogos, a cada presença na escola, pode rever posicionamentos na sua vida pública, filosófica, artística, entre outras. A passagem do gênero discursivo primário (que acontece no primeiro momento da orientação didática) para o gênero discursivo secundário (no momento em que o aluno passa a escrever, pesquisar e resolver os questionamentos levantados pelo professor e o currículo estudado) efetiva a qualidade do diálogo interativo. Assim, a vida cotidiana desse aluno passa a ganhar potência na esfera dos estudos mais acadêmicos.

As infinitas possibilidades discursivas criam elos afetivos na relação professor-aluno, trazendo à tona elementos culturais que são absorvidos e muitas vezes assimilados, transformando a cada encontro professor e aluno. Na mesma direção, o discurso constitui unidade aberta em que a cultura alheia se completa, podendo refletir ou refratar, mas que sempre traz experiências culturalmente ricas.

Nesse sentido, o conhecimento construído a partir do encontro individualizado - e não individual, é importante ressaltar - bem como a partir de referências constituídas nas interações e trocas simbólicas entre professor e aluno permitem o desenvolvimento do currículo e traz sempre novos significados dos sujeitos e do mundo, que a todo momento se constrói, destrói e reconstrói, como aponta Valdemir Miotello (2006, p. 176): “Se poderá então dizer – o mundo sempre novo, que se dá na ressurreição plena de todos os sentidos.”

BIBLIOGRAFIA

AÇÃO EDUCATIVA. *Censo escolar 2013: matrículas na educação de jovens e adultos registra queda de 20%*. 2013. Disponível em: <<http://www.acaoeducativa.org.br/index.php/educacao/50-educacao-de-jovens-e-adultos/10004807-censo-escolar-2013-matriculadas-na-educacao-de-jovens-e-adultos-registra-queda-de-20->>. Acesso em: 26 nov. 2014.

ARROYO, M. A educação de jovens e adultos em tempos de exclusão. *Alfabetização e Cidadania: Revista de Educação de Jovens e Adultos*, São Paulo, n. 11, p. 221-230, abr. 2001.

BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem: problemas fundamentais do método sociológico na ciência da linguagem*. São Paulo: HUCITEC, 1988.

BAKHTIN, M. Os gêneros do discurso. In: _____. *Estética da criação verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. p. 261-306.

BRABO, T. S. A. M. *Gênero e poder local*. São Paulo: Humanitas, 2008.

BRABO, T. S. A. M. (Org.). *Gênero, educação e política: múltiplos olhares*. São Paulo: Ícone, 2009.

BRAIT, B. Bakhtin e a natureza constitutivamente dialógica da linguagem. In: _____. (Org.). *Bakhtin, dialogismo e construção de sentido*. Campinas: UNICAMP, 1997. p. 87-98.

BRASIL. Lei n. 9.394/1996. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional*. Brasília, DF, 1996.

COSTA, R. T. *Jovens negras em processo de escolarização na EJA*. 2009. Dissertação (Mestrado) – Universidade Católica de Goiás, 2009.

DUARTE, N. *A individualidade para si: contribuição a uma teoria histórico-cultural da formação do indivíduo*. São Paulo: Autores Associados, 1999.

- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.
- FAZENDA, I. *Interdisciplinaridade e prática docente*. São Paulo: Papirus, 1995.
- FREIRE, P. *A pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.
- GERALDI, J. W. *Portos de passagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- GERALDI, J. W. *A aula como acontecimento*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010a.
- GERALDI, J. W. Sobre a questão do sujeito. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Org.). *Círculo de Bakhtin: teoria inclassificável*. Campinas: Mercado de Letras, 2010b. p. 279-292.
- GRUPO DE ESTUDOS DOS GÊNEROS DO DISCURSO (GEGe). *Palavras e contrapalavras: conversando sobre os trabalhos de Bakhtin*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2010.
- JINKINGS, I. Apresentação. In: MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008. p. 9-14.
- LIMA, E. A.; GIROTTO, C. G. G. S. Ações interdisciplinares em salas de EJA: os projetos de trabalho à luz do enfoque histórico-cultural. *Educação: Teoria e Prática*, Rio Claro, v. 19, n. 33, p. 1-20, jul./dez. 2009.
- MÉSZÁROS, I. *A educação para além do capital*. São Paulo: Boitempo, 2008.
- MIGUEL, J. C. Tendências emergentes na formação do educador de EJA: especificidades e profissionalização. In: BARBOSA, R. L. L. *Formação de educadores: artes e técnicas – ciências e políticas*. São Paulo: Ed. Unesp, 2006. p. 257-268.
- MIOTELLO, V. Ideologia. In: BRAIT, B. (Org.). *Bakhtin: conceitos-chave*. São Paulo: Contexto, 2006. p. 167-176.
- PICONEZ, S. C. B. *Reflexões pedagógicas sobre o ensino e aprendizagem de pessoas jovens e adultas*. São Paulo: Secretaria Estadual da Educação, Centro de Educação de Jovens e Adultos, SE, 2013.
- PINTO, A. V. *Sete lições sobre a educação de adultos*. São Paulo: Cortez, 1985.
- PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Contexto, 2009.
- REIS, M. B. F. Interdisciplinaridade na prática pedagógica: um desafio possível. *Revista de Educação, Linguagem e Literatura*, Inhumas, v. 1, n. 2, p. 26-45, out. 2009.

RODRIGUES, N. C. *A construção dialógica do discurso do professor de língua portuguesa*. São Carlos: Pedro & João Editores, 2011.

SÃO PAULO (Estado). Secretaria da Educação. Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas. *Para conhecer um Centro de Educação Supletiva*. São Paulo, 1985.

SÃO PAULO (Estado). Resolução SE 77, de 06 de dezembro de 2011. *Dispõe sobre a organização e o funcionamento dos cursos de Educação de Jovens e Adultos, nos Centros Estaduais de Educação de Jovens e Adultos – CEEJAs*. Disponível em: <http://siau.edunet.sp.gov.br/ItemLise/arquivos/77_11.htm>. Acesso em: 28 fev. 2013.

ANEXO A – O CEEJA (CENTRO ESTADUAL DE EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS) – DEPOIMENTO ESCRITO

Rocha, Maria Custódia (2013). Professora Doutora do Departamento de Ciências Sociais da Educação, Instituto de Educação da Universidade do Minho, Braga-Portugal.

Sabemos que a chamada «Educação Nova» tem mais de um século. John Dewey e António Sérgio, por exemplo, defenderam uma concepção de educação fundada num ideal democrático. Baseada no *self-governement* e no pragmatismo como fundamento do conhecimento, tendo por suporte metodologias ativas nas quais tomam formas relevantes a participação dos atores e suas formas de comunicação, a liderança, a motivação, a dinâmica de grupos, estes pedagogos procuravam responder às questões dos alunos implicando-os na sua resolução. Hoje, em contextos em que pela força do centralismo das decisões, as organizações educativas estão sujeitas a uma série de receituários político-administrativas que moldam as suas práticas pedagógicas existem, contudo, aquelas que não prescindem da atualização constante de um ideal democrático quotidianamente vivenciado. Conheço uma organização educativa onde assim acontece: O CEEJA – Centro Estadual de Educação de Jovens e Adultos - Unidade de Marília – São Paulo – Brasil, uma escola pública estadual de modalidade de EJA, com características específicas, atendendo principalmente alunos trabalhadores que não tiveram acesso à escola na idade própria. Esta organização, sua direção, coordenação pedagógica e corpo docente, pese embora os constrangimentos, apoia-se nos princípios fundadores da “educação nova”. Assim, convocando os mais diversos dispositivos institucionais, aproveitando devidamente os seus recursos humanos e físicos, o CEEJA, colocando a concepção de “aluno-ator” a par da concepção de “professor detentor de conhecimento”, associa as suas modalidades de trabalho pedagógico a finalidades educativas e formativas amplas e direcionadas para a consolidação de uma cidadania plena. Durante os meses de março e abril de 2013, tive a oportunidade de colaborar com o CEEJA num Projeto “inovador” no que respeita iniciativas que se desenvolvem em escolas públicas a propósito do dia 8 de março – Dia Internacional da Mulher. Tratou-se do Projeto intitulado *Construindo a Igualdade*. Falarei de alguns aspectos, em especial aos direitos humanos e a mulher, no qual o Projeto desenvolveu variadas atividades nomeando-as *Dia Delas*. Ao contrário do que o título do Projeto sugere, o Dia Delas não se limitou a uma comemoração efémera de um dia no ano em prol da igualdade de género. Bem pelo contrário, durante todo o mês de março, em atividades abertas à comunidade, docentes e discentes prestaram uma série de homenagens às mulheres por meio de exposições, saraus culturais e exibição de filmes e documentários seguidos de debates alargados a todos os participantes. Para além destas atividades propiciadoras de questionamentos críticos acerca da importância da existência de um dia internacional da mulher ganham relevância pedagógica as Oficinas Interdisciplinares – compostas por pequenos grupos de alunos matriculados em diferentes disciplinas (Língua Inglesa, Biologia, Matemática, Artes, Ciências, História) e, desta feita, interpellando várias equipas pedagógicas e conjugando os conteúdos programáticos destas várias disciplinas com a discussão em torno de uma problemática mor: Género, Educação e Direitos Humanos. Especificando: Na Oficina “Inglês com

Música” diversas composições musicais, escolhidas a propósito, serviram para se fazer o estudo da língua inglesa e, simultaneamente, para elucidar sobre a condição subalterna das mulheres, sobre a violência doméstica e assédio sexual; Na Oficina “Direito à Vida e a Questão do Aborto”, a partir de noções de Ciências, Biologia e História abordaram-se as diversas formas de sexualidade e discutiram-se as leis que regulam a questão do aborto no Brasil; Na Oficina “A Mulher no Mercado de Trabalho”, a partir de exercícios matemáticos, fez-se a análise de dados em gráficos, imagens e tabelas (último censo do IBGE), discutindo-se, simultaneamente, tanto os indicadores como o que se entende por igualdade e desigualdade de gênero, seus percursos, progressos e retrocessos, em contextos de trabalho. Nas diversas Oficinas usaram-se recursos pedagógicos documentais online, de entre os quais se destacam os que permitiram discutir as orientações políticas do Brasil e do Contexto Internacional a propósito dos diversos “problemas sociais”. As análises e discussões foram feitas de forma efetivamente participada. Particularmente elucidativas foram as “histórias de vida” contadas espontaneamente pelos alunos e alunas. Desta forma se romperam silêncios e tabus, se confrontaram os papéis tradicionais e se questionaram os persistentes estereótipos de gênero. Durante ou após as Oficinas, as intervenções culturais, feitas pelos professores e alunos da disciplina de Arte, enformaram poeticamente as duras realidades. O CEEJA, e uma equipe pedagógica comprometida com todo o processo de concepção, implementação e avaliação do projeto educativo Dia Delas, manifestou uma preocupação efetiva com a leccionação de unidades curriculares na sua correlação com problemáticas atinentes às políticas, aos papéis, comportamentos e representações dos atores sociais em diversos contextos de análise: na família, na escola, no trabalho. Para que assim acontecesse, e para além das atividades anteriormente salientadas, a Coordenação Pedagógica e o Corpo Docente, subdividido em várias áreas do conhecimento (área de Ciências Humanas, áreas de Ciências Naturais e Matemática, área de Linguagem e Códigos e suas Tecnologias), realizaram estudos nos quais se conjugaram os contributos específicos dessas áreas do conhecimento com o próprio conhecimento sobre Gênero, Educação e Direitos Humanos. Esses estudos foram apresentados em forma de Comunicação, no dia 11 de abril de 2013, no evento científico “XI Semana da Mulher - Mulheres, Gênero e Violência: Visões Nacionais e Internacionais”, promovido pelo Núcleo de Direitos Humanos e Cidadania de Marília-NUDHUC. O CEEJA é uma escola de referência quando se fala e age pensando em Gênero, Educação e Direitos Humanos.